

Desconfiem do acaso

Carlos Honorato, janeiro de 2017.

A maldição do acaso maltrata a humanidade desde os tempos pré-históricos. As religiões sempre procuraram confortar seus seguidores, encontrando uma explicação para os acasos relacionados à desgraça, ao sofrimento e à dor de seus fiéis. Os tormentos e os fenômenos naturais que destruíram as obras humanas (casas, estradas, plantações,...), por muito tempo, foram explicadas pelas religiões, como manifestações divinas de desaprovação de alguma coisa. Os céticos e infiéis que atribuíam estes fenômenos ao acaso foram defenestrados do convívio dos homens escolhidos por Deus. Por muito tempo, o acaso e as divindades disputaram a capacidade intelectual dos mortais. Com o Iluminismo (e até um pouco antes) apareceu uma coisa chamada “ciência”, que, lutando contra o acaso e contra a fé, procurava explicar os acontecimentos naturais e sociais de uma forma “lógica”. Diziam esses hereges sem fé que tudo pode ser explicado e que tudo na face da terra, mais cedo ou mais tarde, vai ser explicado. Não existe acaso quando o sol se nega a aparecer e, inclusive, deram um belo nome para esse fenômeno, chamando-o de eclipse. O tal eclipse não é função do mau humor de alguma divindade e, muito menos, é função do acaso (fenômeno inexplicável). Justificam os ditos cientistas que pode-se prever quando e onde o eclipse vai ocorrer. Os cientistas naturais e sociais, então, demonstraram as explicações seculares do acaso e do poder divino. Hoje, é difícil se colocar na conta do acaso sem se passar por tolo e desinformado. Os ditos acidentes que ocorrem não são fruto do acaso e sim fruto de uma composição de fatores que acabam determinando os eventos como eles acontecem.

O grande problema das sociedades evoluídas dos últimos séculos é que o homem descobriu que pode criar o acaso. Para se criar o acaso, basta que sejam alinhadas as condições. O homem descobriu que para produzir um incêndio, fruto do acaso, basta derramar alguns litros de combustível, aproximar o fogo e esperar o espetáculo do acaso queimar a casa, a ponte ou até uma floresta. Estes acasos, no entanto, são óbvios demais e como o homem nunca deixou de ser o lobo do próprio homem, ele precisou desenvolver mecanismos mais inteligentes de fabricar o acaso. Quando a inteligência humana foi usada de forma mais efetiva, o número de acasos convenientes passaram a ocorrer com mais intensidade e objetividade.

Quando o homem responsável pela delação do fim do mundo, que poria na cadeia (por roubo!) metade do Congresso Nacional e um grande número de impolutos ministros, sofre um acidente e morre justamente na véspera da divulgação do maior escândalo de corrupção da história de toda a humanidade, a primeira pergunta que se deve fazer é: será que foi acaso? Os canalhas-engravatados, moradores temporários da Capital Federal, que respondem pelo desacreditado título de “políticos”, juram, de pés juntos, que foi fruto do acaso ou ira de alguma divindade. Quando o acaso ou a ira divina se tornam muito convenientes, é bom se desconfiar de ambos, especialmente do acaso!